

nas, que em sua vida lhe dava da quinta do Leão e deixa a sua roupa de uso para ser dividida igualmente por João Pedro e Mourato e pede ao filho, mas declara que não he como legado, nem como obrigação, tres cousas; a primeira he que dê a mão ao filho de João Pedro (b) athé elle se ordenar; segunda que mande educar o filho de sua sobrinha Maria das Dores, casada com o Canavarro, por nome Pedro; e a terceira he ajudar tambem, no que poder os filhos do Morato; recommenda ao filho, não case com mulher velha e noventa, antes que tenha o oiro da California, porque dizer = recebo a vós = para ser rico, he uma acção horrivel; he tudo de que consta o testamento com pequena differença; ve-rei se o Amaral me dá uma copia para lhes remetter.»

Para não alongar demasiadamente não extractamos a parte restante d'esta carta, que só encerra promenores de menor interesse.

O testamento de que na carta se dá resumidamente conta das principaes disposições, revela o character elevado e os sentimentos nobres que o dictaram, fugindo da trivialidade do geral d'estes documentos.

Mousinho da Silveira declara desejar que os seus restos mortaes sejam sepultados na ilha do Corvo ou na freguezia da Margem do concelho do Gavião, porque queria, depois de morto, estar entre gentes agradecidas.

Esta disposição é a memoria agradecida de um homem de bem, pelo reconhecimento que a elle proprio lhe mostraram os habitantes d'aquella pequena ilha perdida no Oceano e d'aquella pobre e sertaneja freguezia alemtejana encravada nos mattagaes de uma charneca deserta.

O cadaver de Mousinho da Silveira depositado no carneiro da igreja da Encarnação, por ordem do ministerio do reino, foi transferido em 5 d'outubro de 1849, para o cemiterio da freguezia da Margem.

Do *Fornal do Commercio* n.º 6484 de 19 de junho de 1875, consagrado á memoria de José Xavier Mousinho da Silveira, a que tambem nos temos soccorrido, transcrevemos na integra alguns trechos, com promenores que não devem passar despercebidos.

A respeito da trasladação de Lisboa para a Margem diz:

«O ataide foi mettido n'um barco, levado Tejo acima, até ao porto de Alvéga, ali collocado n'um carro puchado a mullas, até á freguezia da Margem, onde foi collocado em sepultura aberta no adro da igreja.

Quatro dias depois, uns malvados profanaram a sepultura, arrombando os caixões, sendo um de chumbo, para roubarem alguma coisa de valor que pudessem encontrar. Reconheceu-se e verificou-se que esses infames não pertenciam á freguezia da Senhora da Graça da Margem; eram de fóra. Tão feia nodoa não recae pois sobre aquella gente, que Mousinho da Silveira tanto estimou, que entre ella quiz repouzar para sempre.»

Em 1867 estando a ponto de se trasladarem os ossos dos que estavam sepultados no adro da antiga igreja da Margem para o de outra em construcção, o padre João Chrysostomo Antunes Ribeiro Coelho, de Castello de Vide, que já tinha fornecido á redacção do *Fornal do Commercio* varios promenores sobre o logar onde se achava enterrado o grande reformador, escreveu-lhe novamente, fazendo

(b) O filho de João Pedro, é o nosso collega e amigo José Pedro Barata, ao favor do qual devemos as cartas e muitos outros promenores, em que principalmente baseamos o nosso modesto escripto. O sr. José Pedro Barata cursou em França o curso d'agricultura da Escola de Grignon a expensas de João Mousinho da Silveira, que por semelhante forma entendeu corresponder aos desejos do pae. Entre as bellissimas qualidades que ornaram o character do sr. Barata, sobreshae a da sua veneração e eterno reconhecimento pela memoria da familia Mousinho da Silveira.